

**Volume 9, Número 1**

**Julho/Agosto de 2016**

**Boletim oficial da Sociedade Brasileira de Estatística Bayesiana**  
**Seção da International Society for Bayesian Analysis**

Bem vindos, caros leitores, ao primeiro Boletim ISBRA de 2016. Abro este número me perguntando qual será o segredo do sucesso? Talvez não haja uma resposta única e definitiva para tal pergunta, mas em cada linha deste Boletim vocês encontrarão forte evidência de que é o amor pelo que se faz, é o prazer que se sente com seu trabalho, são as parcerias estimulantes e, sobre tudo, é muito (mas muito mesmo!) trabalho. Foram estes os elementos responsáveis pelo sucesso do XIII EBEB realizado aqui na UFMG em fevereiro e também está evidente nas trajetórias dos estatísticos que entrevistamos neste número.

Se tivesse que escolher um nome para este Boletim, parodiando descaradamente a celebração dos 70 anos do Prof. Alan Gelfand no ano passado, escolheria “G3: anos de contribuições à Estatística Brasileira”. Além das cartas do nosso atual presidente, Flávio Gonçalves, e da nossa presidente-eleita, Thaís Fonseca, neste número, vocês terão a oportunidade de conhecer as opiniões de três grandes nomes da estatística brasileira. Na coluna “Batendo um Papo”, para celebrarmos os 70 anos dos professores Carlos Pereira e Hélio Migon, apresentamos nossos leitores com uma conversa destes dois grandes mestres da estatística brasileira com o Prof. Hedibert Lopes (obrigada Hedi, por este presente). Na sequência, vocês poderão se deliciar com a conversa que tive com a Alexandra Schmidt, primeira presidente da ISBA residente no hemisfério sul e a segunda latino-americana eleita para este prestigioso posto.

O Boletim-ISBRA reforça o convite feito pelos editores, Dani Gamerman e Flávio Bambirra Gonçalves, para que submetam seu artigo ao número especial que o *Brazilian Journal of Probability and Statistics* (BJPS) está dedicando ao XIII EBEB. Também os convida a participarem do COBAL V, que será realizado em Guanajuato, México no próximo ano.

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram para a realização deste número do Boletim ISBRA. Agradeço aos nossos entrevistados, Alexandra, Carlinhos e Hélio e ao nosso entrevistador Hedibert, pelo precioso tempo que concederam a este número. Agradeço também a meus amigos Flávio, Marcos e Vinícius pela colaboração e confiança. Muito especialmente, agradeço a comunidade estatística brasileira por sua participação no XIII EBEB e pelo esforço que fizeram para estarem aqui em Minas apesar de todas as limitações financeiras que temos enfrentado nestes últimos tempos.

Despeço-me de todos, voltando à pergunta inicial. Depois de ver o resumo apresentado pelo Hedibert das trajetórias de Carlinhos e Hélio, chego a me questionar, se torcer para o Fluminense também não teria alguma influência numa trajetória de sucesso!?

Boa leitura a todos, Rosangela

## **Carta de Flávio B. Gonçalves, Presidente da ISBrA**

Prezados Colegas Bayesianos,

É com enorme satisfação que concluímos mais uma edição do Boletim da ISBRA – última sob organização exclusiva desta diretoria. Agradeço à Prof. Rosangela Loschi pela iniciativa e extrema competência na condução desta tarefa.

Primeiramente, gostaria de parabenizar e dar as boas vindas à diretoria eleita para o próximo biênio: Thaís Fonseca (Presidente), Fernando Moura (Secretário) e Carlos Abanto (Tesoureiro) – todos professores do DME, UFRJ. Contamos com a motivação e trabalho duro de vocês para fazerem um excelente trabalho à frente da nossa querida ISBrA!

Gostaria de agradecer a todos os 147 participantes do XIII EBEB por terem feito deste um Encontro memorável. O EBEB foi realizado em Fevereiro deste ano, na UFMG em Belo Horizonte. O sucesso do Encontro se baseia desde a maciça participação da nossa comunidade ao altíssimo nível dos trabalhos apresentados e aos agradáveis eventos sociais. Um relato detalhado do Encontro se encontra mais abaixo nesta edição do boletim.

Conforme relatado na edição anterior do Boletim, a atual diretoria está trabalhando no registro formal da Sociedade e acreditamos fortemente que este estará concluído até o final do nosso mandato.

Maiores detalhes sobre o encaminhamento do registro e um balanço geral do mandato desta diretoria serão fornecidos na próxima edição do boletim. Esta diretoria se encontra sempre disponível para ouvir nossa comunidade.

Gostaria de reforçar o pedido que todos os integrantes da comunidade Bayesiana brasileira se filiem ao ISBrA. Para isto é necessário que se filiem (ou renovem seu *membership*) ao ISBA e escolham também se filiar ao ISBrA ao preencher o formulário.

Desejo a todos uma agradável e proveitosa leitura do boletim!

Flávio B. Gonçalves

## Carta de Thaís Fonseca, Presidente Eleita do ISBRA, gestão 2016-2018

Prezados Colegas Bayesianos,

Escrevo pela primeira vez como presidente eleita da ISBrA para o biênio 2017-2018. Agradeço a comunidade pelo apoio que recebi a candidatura da chapa vinda da UFRJ, que é composta por mim como presidente, pelo professor Fernando Moura como secretário e pelo professor Carlos Abanto como tesoureiro. Parabênzo a diretoria anterior composta pelos professores Flávio Bambirra Gonçalves, Marcos Oliveira Prates e Vinícius Diniz Mayrink da UFMG pelo excelente trabalho. Em particular, tivemos um encontro brasileiro de alto nível científico realizado em Belo Horizonte em fevereiro de 2016. Muitas questões foram destacadas como de primeira necessidade durante a gestão anterior tal como o registro da sociedade. Os trâmites burocráticos foram enfrentados ao longo da gestão de forma exemplar.

Tendo em vista o trabalho já realizado até aqui pelas gestões anteriores, e buscando a consolidação ainda maior do grupo bayesiano no Brasil, temos clareza dos muitos desafios que estão por vir. Por exemplo, destaco a necessidade de buscarmos novos membros, que muitas vezes já participam dos eventos e da comunidade mas não estão filiados formalmente a sociedade. Um outro ponto destacado pela gestão anterior diz respeito a organização do website que encontra-se hoje hospedado na página da USP. Já a página do encontro Bayesiano foi hospedado pela ABE. A organização da sociedade de maneira legal vem na direção de facilitar a solução dessas questões aqui relatadas. Além desses desafios, buscaremos manter o excelente padrão do nosso encontro bienal a ser realizado em 2018 em pleno momento de crise financeira e política no país.

Tenho convicção que poderemos trabalhar em conjunto para alcançar tantos objetivos que vem sendo colocados para os Bayesianos no Brasil. A diretoria está aberta a discutir novas idéias e conta com a participação ativa da comunidade para avançarmos no crescimento do grupo Bayesiano aqui no Brasil e no mundo.

Abraços,  
Thaís.

## Relato sobre o EBEB XIII



O XIII Encontro Brasileiro de Estatística Bayesiana (EBEB) foi realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, de 22 a 25 de fevereiro de 2016. O Encontro teve a participação de 147 pessoas, dentre estudantes de graduação e pós-graduação, pesquisadores e professores do Brasil e do exterior.



EBEB XIII – Universidade Federal de Minas Gerais, fev. 2016

O Comitê Científico foi composto por: Dani Gamerman, Flávio Gonçalves, Marcos Prates, Rosangela Loschi, Francisco Louzada e Márcia Branco. A Comissão Organizadora: Flávio Gonçalves, Marcos Prates, Vinícius Mayrink, Rosangela Loschi, Glaura Franco, Fábio Demarqui, Luis Sánchez.

Seguindo a tradição, o EBEB deste ano teve um excelente programa científico com a presença de alguns dos principais pesquisadores de Estatística Bayesiana em todo o mundo. Os palestrantes apresentaram pesquisa de ponta na Estatística Bayesiana, tanto teórica quanto aplicada. A lista de palestrantes foi:

Mike West (Duke University)

Fernando Quintana (PUC - Chile)

Raquel Prado (University of California, Santa Cruz)

Helio S. Migon (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Stephen Walker (University of Texas)

Emily Fox (University of Washington)

Carlos A. B. Pereira (Universidade de São Paulo)

Sujit K Sahu (University of Southampton)

Steven Scott (Google)

Gareth Roberts (University of Warwick).

O programa científico também incluiu dois cursos de curta duração: *Introduction to nonparametric Bayesian inference*, ministrado por Vanda Inácio (PUC-Chile), e *Financial Risk Management, Actuarial Science and Bayesian Statistics*, ministrado por Manuel Mendoza (ITAM, México).

Do programa convidado, também fez parte seis conferências proferidas por jovens pesquisadores brasileiros:

Lilia C. C. Costa (Universidade Federal da Bahia)

Thaís V. Paiva (Universidade Federal de Minas Gerais)

Rafael Izbicki (Universidade Federal de São Carlos)

Oswaldo Anacleto (University of Edinburgh)

Thais C. O. Fonseca (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Vinícius D. Mayrink (Universidade Federal de Minas Gerais).

Os participantes tiveram a oportunidade de apresentar seus trabalhos em apresentações orais e pôsteres.

Outro destaque do encontro foi a homenagem feita aos professores Carlos Pereira e Hélio Migon para celebrar seus respectivos 70º aniversários este ano.

Os eventos sociais incluíram um coquetel de boas-vindas patrocinado pela Google e um jantar de confraternização em uma churrascaria tradicional. O encontro foi financiado principalmente por agências de fomento à pesquisa no Brasil (CAPES, CNPq,

FAPEMIG e FAPESP). Outros patrocinadores incluem PPGEST-UFMG, ICEX-UFMG, UFMG, ISBA, ABE, Google.

Mais detalhes como título e resumo de todos os trabalhos apresentados podem ser encontrados em <http://www.redeabe.org.br/eb2016/>. Os vídeos da maioria das palestras estão disponíveis no canal da ISBrA no YouTube: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL3T2Ppt4bgDJBIGZlan-qNY6PsLOGXdAB>.

Finalmente, uma edição especial do *Brazilian Journal of Probability and Statistics* (BJPS), com artigos convidados e submetidos, será editada por Dani Gamerman e Flávio Gonçalves (ver detalhes abaixo).

O Comitê Executivo ISBrA gostaria de agradecer a todos os participantes do EBEB XIII e gostaria de convidar toda a comunidade Bayesiana para os próximos EBEB's.

Flávio B. Gonçalves (Presidente de ISBrA e da Comissão Organizadora do XIII EBEB).

## **Volume especial do BJPS dedicado ao XIII EBEB - chamada de trabalhos**

Dani Gamerman (UFRJ) e Flávio Gonçalves (UFMG) são os Editores Convidados do volume especial que o *Brazilian Journal of Probability and Statistics* (BJPS) está dedicando ao XIII EBEB.

O volume conterà três artigos convidados escritos por Gareth Roberts, Mike West e Steve Scott, expoentes da atualidade da inferência Bayesiana. Esse volume conterà também uma seleção de artigos submetidos pela comunidade em temas relacionados aos XIII EBEB.

A submissão de artigos seguirá a política usual do BJPS e devem ser feitas pelo sistema de submissão *on-line* (EJMS), sob a bandeira "*special volume*". Mais informações sobre o processo de submissão podem ser obtidas em <http://imstat.org/bjps/mansub.html>.

O prazo final para submissão **é 31 de agosto de 2016**.

Os editores sugerem a todos que aproveitem a oportunidade de ter seu artigo publicado em um volume do BJPS ao lado de pesquisadores de renome internacional.

# Batendo um papo com Hedibert Lopes<sup>1</sup>

## Migon & Carlinhos

### 140 anos de experiência

Começo externando minha profunda felicidade e honra em poder fazer algumas perguntas cabeludas para dois dos estatísticos brasileiros de major projeção nas últimas décadas. Hélio S. Migon e Carlos Alberto de Bragança Pereira, ou simplesmente Migon e Carlinhos, como sempre me refiro a eles informalmente, são professores titulares do Departamento de Métodos Estatísticos, do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (DME-IM/UFRJ) e do Departamento de Estatística do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (DE-IME/USP), respectivamente. São também septagenários e recém aposentados, apesar de estar convicto que essas aposentadorias existirão somente no mundo-do-faz-de-conta, dados seus elevados níveis de *workaholism*. Espero que os leitores se inspirem e reflitam com as serenas e sábias respostas de ambos Migon e Carlinhos as minhas arbitrárias e inescapavelmente viesadas perguntas.



Figura1: Hélio S. Migon e Carlos A. B. Pereira. Fonte: Respective currículos Lattes.

**Hedibert:** Vou começar com uma pergunta provocativa no bom sentido. O que vocês não fizeram na estatística até hoje e que gostariam de ter feito. Similarmente, o que vocês fizeram e que acham que poderiam ter feito melhor ou nem ter feito, seja um projeto, um artigo, uma colaboração, um sabático, etc?

**Migon:** Certamente não fiz muito mais coisas do que as que fiz! Gostaria, em primeiro lugar, de ter aproveitado mais a vida acadêmica! Viajado mais, visitado mais universidades e estabelecido mais colaborações. Questões pessoais me privaram, por exemplo, de um pós-doc com o Arnold Zellner nos anos 90. No plano institucional

---

<sup>1</sup> Hedibert Freitas Lopes é professor no INSPER-SP.

gostaria de ter visto nosso programa de pós-graduação, cá no IM/UFRJ, ser melhor avaliado pelas agências nacionais. Tenho um carinho especial pelo programa que ajudei a remodelar até chegar a forma atual, com certa ênfase Bayesiana. Temos formado bons quadros, temos uma razoável inserção internacional, não hesitamos em crescer na linha de pesquisa em Probabilidade, etc. Ainda assim não galgamos posições! Vivemos, na UFRJ, a síndrome do tamanho. Romper esse círculo vicioso tem sido difícil. Ainda mais com a perda, que ora está por se concretizar, de uma geração inteira. Enfim! Uma vez perguntei ao Jeff Harrison<sup>2</sup> porque o pequeno corpo docente de Warwick mudava tanto. A resposta, de pronto e singela, foi de que ele selecionava bem os seus professores. É pura verdade, agora compreendo! No plano da pesquisa científica gostaria de ter me dedicado com mais ênfase a algumas questões de fundamentos da inferência e, em geral, ter produzido de forma mais seletiva. Por outro lado, não me arrependo de nada do que fiz. Trabalhei na indústria, em diferentes universidades, fiz o doutorado mais tarde, etc.

**Carlinhos:** Caro amigo obrigado pela honra de ser entrevistado por um ilustre professor do INSPER e futuro colega da USP -- Explico: logo vais ter uma dissertação e/ou tese de um(a) aluno(a) da USP com você como orientador. Não é provocação a pergunta, meu caro amigo, pois penso nisso todos os dias. Costumo dizer aos meus alunos que a vida de professor não é comparável com nenhum outro tipo de vida profissional. Mais que isso, eu digo que se tivesse que voltar ao passado e pudesse escolher um caminho a seguir eu faria tudo novamente, exatamente como foi o meu. As barreiras que encontramos na vida e que conseguimos ultrapassar só nos engrandecem ou nos ensina que podemos seguir com a altiveza definidas por nós mesmos.

Talvez como você, eu e os irmãos viemos de uma classe social que poderíamos classificar entre a C e a B, embora eu tivesse a sorte de morar no Leblon. Nossa residência era bem pertinho da "Praia do Pinto" -- a maior favela da época que depois foi queimada para transferirem os favelados para a Cidade de Deus e para a Cidade Alta. Depois da saída da favela o Leblon teve uma valorização imobiliária sem igual. Outra vantagem nossa, minha e do Basílio, foi o fato de entrarmos na estatística no comercial básico, eu com 11 e ele com 12 anos. Ficamos 11 anos na ENCE (Escola Nacional de Ciências Estatística) no centro do Rio onde aprendemos a existência de diversos tipos de vida; havia colegas da Viera Souto, do subúrbio e mesmo da baixada fluminense. O Claudio, por exemplo, era remador do Flamengo, filho do administrador do parque da cidade onde morava. Para a gente ficar estudando no curso técnico meu irmão foi trabalhar e eu só comecei no primeiro ano da faculdade. Antes de eu iniciar um trabalho na fábrica de lâmpadas da GE, eu ainda tive a experiência de participar de uma pesquisa eleitoral no interior do Brasil, mais precisamente em Goiás e contratada pelo Mauro Borges, então governador. Onze mil quilômetros de estrada com muita incerteza política, em abril de 1964. Estávamos nós na estrada quando veio a tomada do poder pelos militares. Esta é uma experiência sobre a qual não se imagina a influência dela em minha vida. Eu ainda era adolescente a procura de um caminho a seguir. Mas voltando a GE, eu trabalhei na seção de controle de qualidade de

---

<sup>2</sup> Jeff Harrison foi orientador de doutorado do Migon na Universidade de Warwick nos anos 1980.



lâmpadas e pude conviver com os operários dos quais recebi muitos ensinamentos. Foi dessas minhas experiências iniciais que me levaram a achar que somos capazes de resolver problemas de diversas origens. Quando terminei o Bacharelado concluí que uma formação paralela deveria ser acrescentada a formação formal de sala de aula. Os desafios que nos apresentam são mais complicados do que aqueles para os quais somos preparados a enfrentar. No meio do curso de Bacharelado na ENCE, mudei de emprego e fui então para a escola de Saúde Pública do Oswaldo Cruz, a FENSP -- SP de saúde pública e não São Paulo. O desafio ali, além de fazer programinhas na velha Olivetti, era ensinar e fazer pesquisa de opinião dentro da favela que ficava em frente. Aprendi que nunca mais deveria me envolver com a operação de coleta de dados no campo: nunca aprendemos nas escolas de estatística a lidar com a administração de uma operação de campo como aquela. Achei evidentemente que como eu era um cara de formação "teórica" podia enfrentar qualquer tipo de problemas, então aceitei dirigir a operação. Foi realmente uma loucura! Nada haver com segurança, pois ali na favela todos nos respeitamos, as pessoas não carregavam com elas a violência de hoje em dia. Puxa estou me alongando muito, pois minhas lembranças são o meu combustível para a sobrevivência de mais alguns anos; quem sabe?

Sinceramente eu acho que não sobraria espaço para eu ter feito alguma coisa que não fiz. Creio que se eu não tivesse sofrido com o curso de séries temporais da FSU<sup>3</sup> eu teria aprendido algo de computação. Eu acho que o que me falta é a vontade de aprender computação. De fato eu fiquei uma semana nas filas de computador da FSU para depois saber que era uma vírgula e não um ponto que eu tinha colocado nos cartões do programa (veja Figura 2). Nunca mais tive gosto por computação. Em 1981 apresentei em Berkeley meu trabalho de Diagramas de Influência. Conheci então o pessoal do Prof. Haward, de Stanford, onde engenheiros eram craques em planilhas desenvolvendo todo tipo de computação (que se pensava naquela época). Foi minha salvação, pois junto com os programas de estatística do meu Mac Plus (veja Figura 2), eu pude então resolver alguns problemas que me apresentavam. A consequência foi que eu desisti definitivamente da computação de desempenho. Eu teria reconsiderado meu caminho se soubesse da importância dos ABC's da vida.

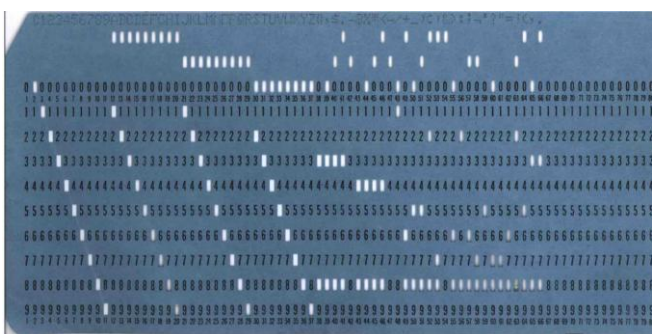


Figura 2: Cartão perfurado com 80 colunas (187mm x 83mm), à esquerda, e Macintosh 128K, à direita. Fonte: URL: <https://en.wikipedia.org>.

<sup>3</sup> Florida State University foi onde o Carlinhos fez seu doutorado.

O que não fiz e que gostaria de ter feito é trabalhar em um projeto geral onde pudéssemos desenvolver uma metodologia de definição racional de limites nos problemas de nossa sociedade: até que quantidade eu posso usar de uma substância química em um alimento, até quanto de material inorgânico em um lago aguenta para poder ser utilizado pelo público, etc. Certamente eu não teria usado o título que usei na minha dissertação de mestrado “Estimativa da Probabilidade a Priori em um Problema de classificação”. Esse título sugere que eu ando estimando o que vai a minha cabeça, enfim os meus pensamentos: eu não faria isso novamente.

Sobre o que eu teria feito melhor, felizmente meus alunos fizeram. Tive muita sorte de ter alunos brilhantes que hoje possuem reconhecimento da nossa sociedade inclusive internacionalmente. Meu primeiro aluno foi o André Rogatko e o meu segundo foi o José Galvão Leite, basta dizer isso. O Hélio vai lembrar-se de nossos dias preparando aulas com o mestre Galvão. Sobre problemas estatísticos que me apresentaram e que ainda não enfrentei, eu penso que alguns estarão saindo em breve com outros estimados e queridos (ex-) alunos e/ou colegas. O pior mesmo foi o fato de eu não ter dado prosseguimento ao livro que escrevi com o Marlos. Gostaria muito de ter escrito um livro de estatística para o público em geral e das outras áreas de ciência em particular. Não sei se vou conseguir, mas estou tentando escrever este desejado livro. Sou, por outro lado, coautor de um livro com o meu irmão, mas minha contribuição foi mesmo mínima. Ele colocar meu nome ao lado do dele foi para mim uma honra.

**Hedibert: Mais ou menos na mesma linha das conjecturas especulativas acima, gostaria de ouvir suas opiniões sobre os rumos que a estatística Bayesiana tomou desde mais ou menos 1990 quando do *boom* dos algoritmos computacionais de Monte Carlo via Cadeias de Markov (MCMC, da sigla em inglês), ou seja, nas últimas três décadas? Mais precisamente, qual o perfil de um Bayesiano hoje em comparação a um Bayesiano no final dos anos 1980?**

**Migon:** Essas perguntas estão realmente provocativas!!! Seria mais confortável respondê-las na mesa de um bar e tomando um bom vinho! Uma questão muito antiga (anos 60) era se estatística deveria ser ensinada na graduação ou não. Os argumentos utilizados no seu conteúdo não são triviais e exigem uma certa maturidade dos alunos, blá, blá, blá?. Em geral, os jovens são muito imediatistas, não percebem onde e como aplicar os métodos que estão a aprender, pois desconhecem as áreas científicas onde serão aplicados. Por outro lado, será que o *mercado* percebe o potencial do estatístico que formamos? Será que é o que desejam, ou preferem um profissional generalista, com boa base matemática, computacional, de pesquisa operacional e economia? Este talvez seja o outro lado da moeda: devemos enfatizar mais a computação ou os fundamentos? A resposta óbvia seria o meio termo. Mas como atingi-lo, não sei! Ou melhor, arrisco a dizer que só sei o primeiro passo deste algoritmo: temos de oferecer uma boa base de fundamentos matemáticos, probabilísticos e estatísticos (inferenciais, é claro!).

A evolução da ciência se dá (aprendi com o Jeff) em ciclos longos, de mais ou menos 15 a 20 anos. A cada grande inovação, vários ficam periféricamente produzindo, como satélites, complementando detalhes, até que novo salto ocorra. Complemento este

argumento, acrescentando que por vezes na evolução da ciência damos passos atrás, revisitando velhos problemas. Um exemplo singelo é o advento do MCMC, que abortou precocemente vários métodos numéricos eficientes, desenvolvidos nos anos 80, e que foram revisitados no final do século passado para recuperar a análise sequencial, inerente, por exemplo, a dados indexados no tempo, via filtro de partículas.

Concluindo, desde os anos 70 em Warwick é oferecido, com reconhecido sucesso, um curso de graduação com formação ampla em *Math, OR, Stats, Economics*. Fiquei sabendo que recebem dezenas de alunos a cada ano.

**Carlinhos:** Como sou leigo em computação vou me alongar um pouco sobre a história. Na minha cabeça a inferência Bayesiana foi a estatística de início e só não vingou porque os cálculos são intensos. Veio então a estatística frequentista que dominou o século passado devido a inteligente forma desenvolvida por grandes homens e mulheres. Não fosse pelos frequentistas não estaríamos, nós Bayesianos, ocupando o espaço que ocupamos hoje. Antes de 1960, Harold Jeffreys, Bruno de Finetti, Leonard Jimmie Savage e Irving John Good foram os Bayesianos que fizeram a diferença, justo como aqueles que iniciaram o uso dos métodos frequentistas. No entanto foi com Jerry Cornfield que a comunidade médica teve contato com a metodologia Bayesiana. Há um número da *Statistics in Medicine* em 2012 dedicada à este importante estatístico<sup>4</sup>. Neste volume, Greenhouse publicou um artigo mostrando como foi a transformação de Cornfield de frequentista para Bayesiano. A consequência foi a entrada com sucesso do Bayesianismo na medicina. Claro que a necessidade por métodos computacionais só aumentou daí para frente devido à quantidade de interessados em um método que nem sempre exige o conhecimento completo do espaço amostral. Com isso, a demanda por análises mais complexas foram surgindo para o grupo de estatísticos que, como eu, trabalhava com a nova visão da estatística aplicada, em geral, e médica, em particular. Até o surgimento do método MCMC eu me lembro de nossa dificuldade em construir algoritmos eficientes para cada problema que surgia. Eu de fato me divertia com a construção de algoritmos que envolviam integrais, gráficos rebuscados, etc. Mas computação mesmo ficava com meus alunos e colegas. Junto com Dick Barlow rimos muito em verificar que o novo método (MCMC) para solução de problemas Bayesianos era mesmo frequentista e muito. Tudo baseado em cálculo de frequências! Mesmo na ciência o mundo dá muitas voltas. Eu acho que o estatístico Bayesiano de hoje deveria ser o estatístico com o conhecimento dos caras de 80, como você diz, acrescido do conhecimento computacional. Fico muito triste em ver alunos que apenas apertam botões sem um conhecimento do que, na verdade, está atrás do que faz e porque faz. Às vezes o cara faz uma conta linda que vale para um modelo normal, mas os dados são discretos como o caso de respostas com os números 1, 2 e 3 para ruim, médio e bom em cada pergunta de um questionário e que ao final recebe score igual à soma das notas das questões. Pode alguém dar uma priori para um parâmetro inexistente de uma regressão, fazer um teste para retirar

---

<sup>4</sup> *Statistics in Medicine*, Special Issue in Honor of Jerome Cornfield on the Centennial of His Birth. Issue edited by: Joel B. Greenhouse. Vol. 31, Issue 24. Pp. 2757-2936, URL: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3482453/pdf/nihms-405334.pdf>

alguns parâmetros e dar outra priori para o restante dos parâmetros? A conta o indivíduo sabe fazer embora não saiba responder questões desse tipo. Esse é um perfil de muitos hoje em dia. Você pergunta de onde vêm os elementos e então responde que isso é com o professor de Duke ou de Berkeley, etc. Colocar mais um parâmetro no modelo e dar uma priori diferente da primeira para o modelo é o que menos gosto meu caro Hedi. Acho que temos que repensar muitas coisas hoje em dia e não só ficar olhando para artigos do *Journal of the American Statistical Association* (JASA), *Annals of Statistics* (AOS), etc e tentar usar métodos ali descritos. Qualquer conta é possível hoje em dia. Na minha época era difícil fazer a conta e então a moçada tinha que entender tudo para dar uma resposta adequada. Era uma única chance, pois não havia possibilidade de repetições. Hoje você faz mil contas em um segundo sem ser preciso pensar muito. Aos meus alunos tento dar uma formação consistente, pois a computação eles aprendem de berço. Eu nem consigo acompanhar os dedos da meninada trabalhando no pacote estatístico R (note: URL: <https://www.r-project.org>). Para você ter uma ideia, certa vez alguém, já doutor, me perguntou como seria um teste para  $\$p=0\$$  em uma binomial. Apenas perguntei se tinha algum sucesso. A pessoa respondeu que sim!

**Hedibert:** Fala-se muito atualmente da importância dos *cientistas de dados* para lidar com dados vastos e de difícil manipulação pelos meios comuns (computadores pessoais, por exemplo). Quais são suas percepções sobre isso? Não aconteceu algo parecido no início dos anos 1970 (ou final dos anos 1960s) quando os grandes computadores começaram a libertar os analistas de dados das calculadoras de mão? Não vale fazer uma busca rápida no Google. Em outras palavras, onde reside hoje o estatístico? Essa distinção entre estatístico e cientista de dados é mais ou menos óbvia quando pensamos nos estatísticos Bayesianos com quem vocês interagiram nos últimos 30 anos?

**Migon:** Em parte essas colocações são meros modernismos do "mercado". Já vivemos o *boom* da análise exploratória, já fomos confrontados com *data mining*, com técnicas de *machine learning* e o modismo atual chama-se *data science*. Em parte, nas sociedades cientificamente menos desenvolvidas existe sempre um risco dessas novidades gerarem oportunismo, aplicações imediatistas e contarem, com frequência, com a adesão de primeira hora de profissionais menos preparados. No final dos anos 60 e início dos anos 70, do século passado, o advento dos pacotes computacionais levou a aplicações de técnicas inadequadas na solução de problemas relevantes. Lembram-se do SPSS? Muitos cientistas sociais cometeram o erro do tipo três<sup>5</sup>: resolver com técnicas apuradas/sofisticadas, disponíveis no pacote, o problema errado!

**Carlinhos:** A palavra cientista está sendo muito usada ultimamente. Usa-se esta palavra para que pessoas se impressionem com o tal do cientista. Se você usasse faxineiro de dados ficaria muito mais correto, entretanto quem quer ser faxineiro,

---

<sup>5</sup> *Type III error* foi um termo introduzido por Robert T. Clemen and Terence Reilly (2014) *Making Hard Decisions with Decision Tools, 3rd Edition*.

embora com salário excelente? Mas, se além de bom salário o indivíduo tem o carimbo de cientista aí fica excelente, pois esta palavra sim é a bonita. Note meu caro Hedi que você está ouvindo a opinião de um leigo no assunto geral. Dentro de pouco tempo esse carimbo importante não vai mais existir, pois tudo em tecnologia se incorpora ao indivíduo e passa a ser nada mais do que todos são. Alguém disse que o celular deveria ser a continuação do corpo, um pedaço do corpo. Você também sofre quando esquece em casa o celular quando vai para um dia de trabalho? Assim vai ser com a formação de banco de dados bem construídos. Outro ponto é o fato de ser árdua a tarefa da organização de banco de dados. Assim os cientistas se consideram capazes de realizar a tarefa seguinte que é a análise dos dados. Entretanto só conhecem as técnicas básicas da estatística e aí você vê as pessoas de computação realizando testes clássicos com qui-quadrado, t-student e principalmente PCA (*Principal Component Analysis*). Tente pedir para alguém explicar o que são aqueles números do PCA. No entanto os gráficos são tão bonitos e contundentes que as pessoas se impressionam. Não quero dizer que todos são assim, mas a maioria dos que encontrei é. Alguns falam que possuem uma amostra muito grande em um sequenciamento: 500 mil por exemplo. Mas a multinomial tem 90 mil tags como as categorias dessa distribuição. Existem muitos programas públicos que se usa para análise de expressão gênica por exemplo. Foram construídas para micro arranjos e não para sequenciamento. Quem se importa se são cuspidos números que parecem bons? A inferência estatística, não só a Bayesiana, recebeu um grande impacto com o advento dos programas MCMC, agora ABC (*Approximate Bayesian Computation*) e outros mais modernos. Na minha visão leiga eu vejo que é a estatística descritiva que vem sendo impactada com essas técnicas modernas de arrumar dados. Para a análise, meu caro Hedi, pessoas irão precisar cada vez mais da "ciência estatística". Essa é minha experiência! Como disse não levem tudo que falo muito profundamente, pois sou mesmo um leigo nessa matéria. Estou apenas palpitando. Completo essa resposta indicando que para mim não existe bioestatística, econometria, ambientologia, jurimetria, etc. Tudo isso é apenas "estatística" que para ser bem usada o estatístico tem de conhecer bem o problema e assim se envolver com os cientistas verdadeiros. Daí a necessidade de qualificar a especialização do uso, e apenas uso, da estatística. Aplica estatística quem gosta de aplicações e constroem-se matemáticas de processos estatísticos e estocásticos quem gosta de teoria. Entretanto, eu acredito que as duas coisas podem estar juntas no interesse de um bom estatístico. Análises de grandes bancos de dados como sequenciamento, micro arranjos ou neuroimagens exige muita criatividade do "estatístico": cuspir resultados com o uso de um bom programa não faz o incorreto passar a ser correto. Não sei se respondi adequadamente essa pergunta.

**Hedibert: Hoje, no Brasil, existem alguns cursos para formação de doutores em estatística e áreas correlatas. Ou seja, mais e mais pesquisadores e professores das grandes universidades brasileiras vem obtendo seus títulos aqui mesmo no Brasil e, infelizmente, muitas vezes nos próprios programas onde virão a ser alocados; causando o fenômeno de *inbreeding*. Isso tem afetado a independência e a visibilidade dos jovens estatísticos brasileiros no cenário nacional e internacional? Se sim, o que fazer (ou o que tem sido feito) para atenuar esse viés?**



Figura 3: Carlinhos, Pedro Fernandez, eu e Migon (à esquerda) durante o *Workshop on Big Data, Big Noise and Big Statistics* que ocorreu no Insper em novembro de 2015. Migon, Basílio e Carlinhos (à direita) durante o XIII EBEB (Encontro Brasileiro de Estatística Bayesiana) que ocorreu na Universidade Federal de Minas Gerais em fevereiro de 2016.

**Migon:** Primeiro esse era um tema de discussões acaloradas no primeiros tempos de Berkeley, antes dos anos 50<sup>6</sup>. Parece que não atrapalhou contratar o Lehman, o Hodges, o Le Cam, etc. é claro que idealmente deveríamos evitar o *inbreeding*. Creio que por questões culturais não circulamos muito. Estudamos próximo de casa, fazemos universidade na mesma região, onde, também, buscamos o primeiro emprego. Podemos superar as mazelas do *inbreeding* mantendo permanentemente intercâmbios eficientes com outros departamentos nacionais e internacionais, expondo nossos jovens docentes a visitas científicas regulares, convidando sempre que possível renomados pesquisadores da área para nos visitarem. A dificuldade para manter essas iniciativas é a permanente falta de recursos e a conseqüente dificuldade de planejar ciência à longo prazo. É bem sabido o quão custoso é retomar projetos de pesquisa interrompidos abruptamente. Por outro lado, desconfio que usamos mal os poucos recursos de que dispomos. Era preciso usar mais eficientemente os recursos humanos disponíveis. Precisamos disseminar nacionalmente alguns tópicos recentemente desenvolvidos, precisamos estimular que nossos cursos ofereçam conteúdos integrados que discutam as várias correntes do pensamento estatístico. Porque não se pensar num centro de excelência em estatística que congregue periodicamente pesquisadores nacionais e internacionais, que ofereça um grande número de posições de pós-doc, que possa assim gerar quadros arejados e disseminar o estado da arte em estatística. Novamente, não precisamos reinventar a roda. Se olharmos em nosso entorno verificaremos que isto já é feito, com grande sucesso, em algumas áreas da ciência no Brasil.

---

<sup>6</sup> Lehmann, E. L. *The creation and early history of the Berkeley Statistics Department. Statistics, probability and game theory*, 139--146, Institute of Mathematical Statistics, Hayward, CA, 1996. URL: <http://projecteuclid.org/euclid.lnms/1215453570>.

**Carlinhos:** Esta é uma pergunta muito delicada, pois minha visão pode ser considerada mais sectária do que gostariam. Penso muito sobre a nossa comunidade acadêmica formada em anos de preparação. Peço desculpa a muitos amigos por eu achar que é um desserviço a montagem de novos cursos de estatística, ou mesmo de novas universidades, iniciativa tão comemorada pelos nossos governos. Ter novos cursos sem poder ter uma massa crítica de bons professores e/ou pesquisadores não resolve o problema da falta de ciência competente em nosso país. Nosso departamento de estatística em São Paulo iniciou a formação de um grupo de estatísticos seguindo as recomendações do Professor Neyman. O projeto elaborado por este grande homem está em um de nossos Boletins da ISBrA<sup>7</sup>. Vejam que iniciamos o primeiro programa de mestrado em 1969. As primeiras dissertações de mestrados foram defendidas a partir de junho de 1971. Depois veio o curso de bacharelado, creio que em 1975, já com professores com doutorado no exterior ou mestrados no IME/USP. O primeiro doutorado surgiu mesmo em 1980 mesmo sem um programa formal do programa. Eu acho que foi o correto! Creio que construímos um bom ambiente acadêmico: nós todos, professores e alunos. Só tenho boas lembranças da época que tudo foi sendo definido. É claro que conflitos e dificuldades ocorreram, mas não existe ciência sem conflito.

**Hedibert:** Com as facilidades computacionais, observam-se tentativas, umas mais bem sucedidas que outras, nas mais variadas áreas das ciências de tornarem seus mecanismos de aprendizado e decisão mais estocásticos, mais estatísticos, mais *model-driven*, portanto mais robustos. Essa multidisciplinaridade coloca o estatístico (Bayesiano ou não) numa encruzilhada: ou se envereda por caminhos mais aplicados e aceita ser avaliado por critérios distintos (vindos da estatística e da área afim) na hora de ser provido, por exemplo, ou se concentra na estatística matemática como um sub-conjunto bem definido da matemática e se tornar um estatístico teórico (vagas limitadas, obviamente!) a resolver problemas ainda nem pensados (tédio?).

**Migon:** é preciso abordar essas questões com muito cuidado. Minha visão é pragmática: devemos nos associar a grupos fortes e bem estruturados e exercermos papel de relevância no âmbito desses grupos e não de meros figurantes. Não temos ainda massa crítica para sobrevivermos sozinhos. Admito, entretanto, que cada um de nós é livre para buscar a participação no grupo que melhor o acolher. Mas que tenhamos a clareza que assim não estaremos fortalecendo nossa área. É indiscutível que um trabalho aplicado, envolvendo tema relevante da área científica envolvida e com participação criativa do estatístico, merece ser considerado nas avaliações de mérito. Fica em aberto, todavia, como se deve proceder a avaliação desses predicados. Só a discussão séria do tema nos conduzirá a correta avaliação. Assim o ponto não é ser ou não ser aplicado. O ponto não é estar vinculado ao centro de avaliação A ou B. O ponto é como avaliar a efetiva contribuição do estatístico numa particular área de aplicação. Ficar compartimentando a ciência não é uma tarefa relevante e sequer

---

<sup>7</sup> Boletim ISBrA (Seção Brasileira da International Society for Bayesian Analysis), Volume 3, Número 2, Dezembro 2010. URL: [https://bayesian.org/sites/default/files/fm/bulletins/ISBrA/boletim\\_2010\\_v03\\_n02.pdf](https://bayesian.org/sites/default/files/fm/bulletins/ISBrA/boletim_2010_v03_n02.pdf)

necessária. Cada vez mais temos de tratar de problemas complexos e multidisciplinares. A questão é sempre a mesma - nosso único referencial tem de ser o mérito científico. Não podemos participar como co-autores secundários, que repetem o uso de técnicas consagradas, que não inovem metodologicamente. Enfim que não nos limitemos a rodar programas, a analisar dados que nem *cabra-cega*. Que participemos das discussões da fundamentação teórica que conduzirá a modelagem estatística, a qual poderá ou não validar os aspectos científicos relevantes sob investigação.

**Carlinhos:** Agora é hora de ser mais polêmico! Creio que um bom profissional deve ter recebido as duas formações, tanto a teórica como o treinamento para aplicações. Um bom exemplo é o seu que além de uma boa formação de estatística pode se dedicar a outras áreas do campo científico. Não me diga que sem uma boa formação teórica você conseguiria caminhar adequadamente nos meandros computacionais de alto desempenho. Por outro lado eu não concordo que temos de preparar alunos para o mercado. Minha visão da educação superior é a boa formação de nossos alunos. O mercado de hoje não é o mercado de amanhã. Nossos alunos precisam estar preparados para colaborar na formação de novos mercados, de solucionar os problemas de construção de um novo mercado ou enfrentar desafios que certamente surgirão no futuro. Então você certamente irá me perguntar o que seria uma boa formação. Não tenho a resposta a essa pergunta, mas certamente tento dar conselhos para os jovens que me procuram. Se alguém tem uma formação em engenharia e depois faz uma pós em estatística, vai ser um bom faxineiro de dados com habilidades de análises competentes. Pode ser também alguém que fez um bacharelado de computação e a pós em estatística. Alternativamente seria muito bom alguém com formação estatística ir para uma pós em computação. O problema de alguns bacharelados é a concentração em matérias mais tradicionais que hoje já não são tão necessárias. A gente nota que um professor se concentra a ensinar as coisas que fez em sua formação básica muitos anos atrás. Ou então, quando aprendeu algo moderno, se concentra em ensinar apenas neste novo tipo de análise justo por não ter entendido *the big picture*. Vejo que em sua pergunta você já coloca o cara da teoria com dificuldades, pois fixa número de vagas limitadas. Como disse acima, o aluno deve receber uma formação tanto teórica como aplicada e não apenas repetindo análises que outros fizeram, mas enfrentando problemas propostos, ou pelo mercado ou por cientistas. Não vejo a possibilidade de hoje em dia você formar um estatístico apenas teórico ou apenas aplicado. O estatístico que gosta mais de teoria vai se dedicar a ela e o mais aplicado vai enfrentar os problemas que se apresentam nas outras áreas. O primeiro só será um bom teórico quando vislumbra problemas reais para sua motivação e o segundo só vai entender o problema real que precisa resolver se tiver com ele as ferramentas teóricas que precisa usar.

Costumo iniciar minhas aulas afirmando que o estatístico é principalmente um operário da ciência. Entenda-se aqui por ciência o conjunto de problemas que a sociedade tem para resolver, incluindo assim todo problema em desafio para ser resolvido, seja acadêmico, de mercado e da própria ciência. A ciência de hoje, qualquer que seja ela, não vive sem a estatística. Há sim trabalho para todos nós, mas como em outras áreas a competência conta no momento de sermos escolhidos. Penso eu que a formação do estatístico não pode se restringir ao uso de técnicas, mas há também a



necessidade do aprendizado de como e porque elas foram construídas. Muitos dos jovens que me procuram querem fazer Administração e oriento a fazer, primeiro, engenharia de produção. Meu desafio a eles é que se dirijam a algum local como bancos e outras empresas e verifique quem é o chefe. Na maioria das vezes vão encontrar engenheiros, físicos e mesmo estatísticos. Em um estudo que fizemos anos atrás, verificamos que algumas empresas empregavam estatísticos em locais que deveriam, em nossa concepção, pertencer a pessoas de computação. Perguntei certa vez a um empresário e ele me respondeu que o estatístico é um excelente usuário dos programas que compram e os profissionais de computação, invariavelmente, pretendem aprimorar o que está funcionando. Feliz eu fiquei por saber que nossos alunos tinham mais espaço no mercado, mas triste em saber que aceitam serem apenas apertadores de botões.

**Agradecimento do Migon:** Queria agradecer a esta iniciativa da ISBrA e às gentis e provocativas questões levantadas pelo Hedi. Me desculpo por ter, em alguns momentos, me distanciado das longas perguntas e usado este espaço para externar algumas preocupações que me acompanham há algum tempo. Obrigado.

**Agradecimento do Carlinhos:** Caro Hedi, agradeço a você e a Rosângela, como editora do Boletim ISBrA, pela iniciativa de nos convidar para uma entrevista. Fiquei além de honrado surpreso com o convite, pois vocês já deviam estar cansados de minhas opiniões que mudam de tempos em tempos. Como sabem vocês, me dão espaço eu falo mais do que devo na opinião de alguns amigos. Obrigadíssimo!

**Epílogo.** Gostaria de encerrar essa fascinante entrevista agradecendo ao meu querido amigo e sempre mentor Migon e ao grande amigo, ídolo e, mais recentemente, comparsa Carlinhos pela paciência e carinho demonstrados ao responderem às minhas perguntas e por dividir conosco da comunidade tantas histórias e experiências cativantes.

Entrevistas anteriores existem. Em 2003, entrevistei o Migon para a primeira edição do Boletim ISBrA<sup>8</sup>. Doze anos mais tarde, em 2015, Migon foi entrevistado pelo Prof. Dani Gamerman (DME-IM/UFRJ) para o ISBA Bulletin<sup>9</sup>. Uma entrevista do Carlinhos feita pelo Prof. Sergio Weschler (DE-IME/USP) está disponível na página da ISBrA<sup>10</sup>.

Finalmente, currículos Lattes, citações organizadas pelo *Google Scholar*, etc estão aí para quem quiser se deleitar com o peso das contribuições de ambos, mas não resisti em fazer um pequeno sumário (ver tabela a seguir) para que as novas gerações, sempre sem tempo para nada, possam sair dessa leitura com a maior das lições que sempre aprendi observando gigantes como Migon e Carlinhos: trabalhar, trabalhar e trabalhar muito e regularmente é a única fórmula para ter a mínima chance de se aproximar desses currículos.

---

<sup>8</sup> volume 1, número 1, URL: [http://www.ime.usp.br/~isbra/boletim/boletim\\_2003\\_v01\\_n01.pdf](http://www.ime.usp.br/~isbra/boletim/boletim_2003_v01_n01.pdf)

<sup>9</sup> volume 22, número 2, URL: [http://bayesian.org/sites/default/files/fm\\_bulletins/1506.pdf](http://bayesian.org/sites/default/files/fm_bulletins/1506.pdf)

<sup>10</sup> URL: [http://www.ime.usp.br/~isbra/entrevistas/carlos\\_pereira.pdf](http://www.ime.usp.br/~isbra/entrevistas/carlos_pereira.pdf).

<b>Histórico</b>	<b>Carlinhos</b>	<b>Migon</b>
Bacharelado	ENCE/1968	ENCE/1970
Mestrado	USP/1971	USP/1974
Doutorado	Florida State/1980	Warwick/1984
Instituição	USP/1969	UFRJ/1978
Orientações		±130
Livros		±20
Artigos		±300
Time do coração		<b>Fluminense</b>

## *Alexandra Mello Schmidt: Uma brasileira dirigindo a ISBA*



Alexandra M. Schmidt é estatística, formada pela UFRJ, onde também fez seu mestrado. Obteve seu doutorado em 2001, pela Universidade de Sheffield, Reino Unido. Logo após o término do seu doutorado foi convidada pelo Alan E. Gelfand para fazer um Pós Doutorado na Universidade de Connecticut nos EUA, onde ficou até agosto de 2002. Retornou ao Brasil em 2002, assumindo um posto de Professora Adjunta no DME-UFRJ. Desde 2012, é Professora Titular do mesmo departamento. Foi presidente da ISBRA entre 2008-2010, tendo sido responsável pela organização do 10º. EBEB. Alexandra foi *Chair do Program Council da ISBA* em 2010 e do *Savage Award Committee* em 2012. Foi eleita presidente da ISBA em 2014 e uma das suas responsabilidades foi a organização do *ISBA 2016 World Meeting*, Sardenha, que acaba de ocorrer. Cabe destacar que Alexandra é a primeira Brasileira, e a segunda latino-americana a assumir a presidência da ISBA. É também a primeira pessoa residente no hemisfério sul a ocupar este posto.

**BI: Oi Alexandra, estamos gratos a você por conceder esta entrevista para o Boletim da ISBRA. Seu mandato junto à ISBA termina no fim deste ano e estamos muito curiosos para saber sobre sua experiência à frente desta importante sociedade de estatística.**

**Alex:** Eu quem agradeço a honra de estar sendo entrevistada. Fico muito feliz de poder dividir com vocês um pouco sobre essa minha experiência. Ter estado a frente da ISBA nestes (quase) 3 anos tem sido muito gratificante. Desde que participei do meu primeiro *Valencia Meeting*, em 1998, sempre me impressionou positivamente a vitalidade (acadêmica e boêmia) que vemos nas reuniões científicas da comunidade bayesiana. E penso que a ISBA herdou esse espírito. Estar no *Executive Board* da ISBA envolve uma intensa troca de emails diária mas, na maior parte das vezes, tudo é feito num espírito tão leve, que o trabalho flui com alegria.

**BI:** Talvez os jovens Bayesianos leitores deste boletim não saibam que para concorrer a um cargo na ISBA o candidato é convidado pelo *Past-President* da ISBA. Você serviu à ISBA em diversas ocasiões. Qual foi a sua reação quando recebeu o convite para ser uma das candidatas à presidência na eleição de 2013?

**Alex:** De fato, os candidatos aos postos da ISBA são escolhidos por um comitê formado por 7 membros da ISBA e coordenado pelo *Past-President*. Minha reação foi um misto de surpresa e muita alegria. Surpresa, porque não esperava tal convite àquela altura da minha carreira, eu me achava muito jovem para tal posto. E acho que ainda sou! ;-)

E muita alegria porque tenho um carinho enorme pela ISBA, e sei que as pessoas envolvidas na sociedade são muito sérias. Esses convites chegam porque as pessoas acreditam que você é capaz de “segurar o leão” se, de fato, for eleita. Então vi este convite como um reconhecimento ao trabalho que já havia realizado junto a ISBA.

**BI:** Você concorreu com uma estatística Bayesiana bastante influente em nosso meio, a Prof. Kerrie Mergensen, da Austrália. Ela também já havia servido à ISBA em diversas ocasiões e tinha sido responsável pela organização do ISBA World Meeting de 2008. O resultado da eleição lhe surpreendeu? E qual foi sua emoção ao receber a informação de sua eleição?

**Alex:** Sim, me surpreendeu sim. Primeiro senti um susto, fiquei com receio da responsabilidade que estaria assumindo dali a alguns meses. Pois sabia que o *President-Elect* em 2014 estaria a frente da organização do ISBA World Meeting de 2016 já que, em geral, a organização mais pesada de um World Meeting é realizada no ano anterior ao mesmo. Como eu já havia sido do *Program Council* (2009-2011), sabia que meu maior desafio era escolher um *Program Chair* que entendesse a importância do seu trabalho pois, de fato, é o *Program Chair* dos anos ímpares quem coordena todo o planejamento do *World Meeting*. E nisso fui muito feliz de ter convidado o Michele Guindani para realizar este trabalho durante o ano que fui presidente. Ele fez um trabalho excepcional como membro do *Program Council* da ISBA. Sou muito agradecida a ele pelo empenho, organização e dedicação com que realizou todo seu trabalho.

**BI: A Presidência da ISBA é um cargo com três anos de duração. No primeiro ano você recebe o título de *President-Elect*, no segundo o de *President* e no terceiro de *Past President*. Em cada um destes períodos, há funções distintas a serem exercidas. Você poderia nos falar um pouco sobre o que é feito em cada um deles?**

**Alex:** No primeiro ano ficamos mais assistindo ao trabalho do *President* e entendendo a dinâmica da sociedade e todas as suas rotinas. No ano em que você é *President* você coloca em prática as ações que propôs quando se candidatou. Mas, como 1 ano passa muito rápido, durante o ano seguinte, quando você é *Past-President*, você passa sua experiência ao presidente corrente e, também, tem a chance de finalizar projetos que iniciou e não conseguiu finalizar.

Acho este modelo de gestão muito interessante, garante à sociedade a continuidade entre gestões e não sobrecarrega as pessoas envolvidas na sua direção. Em outras palavras, incentiva o trabalho em equipe, o que acho fundamental para o sucesso de uma sociedade científica que pretende abranger diferentes comunidades científicas e regiões do mundo.

**BI: Como Presidente, quais foram os principais desafios que você precisou enfrentar?**

**Alex:** O maior desafio, sem dúvida, foi o problema com o site da ISBA que temos enfrentado desde agosto de 2015. Tentando ser breve, houve uma invasão de hackers ao site e nossas operações financeiras foram bloqueadas. E com operações financeiras bloqueadas, os sócios não podem renovar seu registro, o que afeta diretamente as finanças da sociedade. E a empresa que estava nos auxiliando cobrou caríssimo para nos ajudar a sanar o problema, sem contar que o atendimento não era dos melhores. Sim, isso também acontece nos EUA. Foi um verdadeiro pesadelo! Mas, felizmente, com o empenho do Steve Scott, Amy Hering e Kate Calder, já contratamos uma outra empresa. E, muito em breve, nosso site estará trabalhando a pleno vapor.

**BI: Quando Fabrizio Ruggeri assumiu a presidência da ISBA, ele tinha uma política clara de difundir a Estatística Bayesiana em países onde é ainda pouco difundida. Uma de suas ações nesta direção foi promover uma Escola Bayesiana na Costa Rica. A ISBA continua achando este tipo de política importante?**

**Alex:** Penso que sim. Mas, no momento atual, por causa deste problema com o site que mencionei, precisamos ter um pouco mais de cuidado com os gastos, já que a reformulação do site terá um certo impacto financeiro. Pois, por causa deste problema no site, tivemos uma redução no número de membros regulares na sociedade. Penso que a solução deste problema deve ter prioridade total.

Mas, de modo geral, penso que está embutido no espírito da sociedade a política de incentivar ações de crescimento da comunidade bayesiana internacional. E é claro que é preciso que haja incentivo e participação ativa dos pesquisadores de cada região na

realização destas atividades. Por exemplo, dando continuidade ao trabalho do Mike West e Fabrizio Ruggeri quando foram presidentes, articulei a criação de um Capítulo na Ásia, englobando China, Japão, Coréia. A proposta de criação deste Capítulo está em vias de ser votada pelo *Executive Board*. E, no final deste ano, teremos o primeiro workshop bayesiano da região que será realizado como encontro satélite ao encontro nacional da sociedade de estatística chinesa.

**BI: Especificamente, você poderia falar um pouco sobre a atual política da ISBA para a difusão e desenvolvimento da Estatística Bayesiana na América Latina?**

**Alex:** A ISBA vem dando apoios importantes a realizações de eventos na América Latina. Ano passado apoiou o COBAL na Colômbia com US\$ 3.000,00 para jovens pesquisadores participarem do evento. Também apoiou a realização do último EBEB com US\$ 2.000,00 para jovens pesquisadores. No ISBA World Meeting de 2016, a ISBA apoiou a ida de 5 pesquisadores latino-americanos (3 do Brasil e 2 do Chile) totalizando US\$3.800,00 (1 prêmio de US\$1.000,00 e 4 de US\$700,00). Mais jovens pesquisadores poderiam ter recebido apoio financeiro, não o receberam porque desistiram da viagem. E como você mesma presenciou na última reunião do *Executive Board*, em princípio, a ISBA apoiará a realização da próxima edição do COBAL, no México. Mas, financeiramente, ainda não se sabe com quanto.

Agora vamos discutir o outro lado da moeda. Penso que também precisamos incentivar uma maior participação dos pesquisadores bayesianos latinos na sociedade. Por exemplo, comparando o esforço que a ISBA vem empenhando na região e o número de sócios que temos, penso que este número deveria ser bem maior. Precisamos dar maior apoio ao [Pilar Iglesias Travel Award](#). Quantos de nossos doutores, formados pela USP, UFRJ, UFMG, UFSCAR tornam-se sócios da ISBA porque acreditam que devem apoiar suas atividades? Muito poucos! Mas, cabe a nós, os que têm mais experiência, apontar a importância de termos uma comunidade forte e ativa.

**BI: Quais, na sua visão, são os principais desafios que a ISBA tem pela frente? E quais devem ser as suas prioridades.**

**Alex:** A ISBA começou como uma sociedade relativamente pequena e, por isso, sua administração foi sendo feita de forma relativamente amadora. E, felizmente, a ISBA vem crescendo muito, e isto exige um profissionalismo maior no seu gerenciamento. Desde 2014 temos a Gabriella Bonfanti que, até junho passado, trabalhou em tempo parcial como nossa gerente administrativa. Infelizmente, ela precisou sair devido a restrições do seu contrato de trabalho na Itália. Nosso desafio agora é encontrar alguém tão eficiente quanto ela e que nos ajude a manter a organização da sociedade. Este é um desafio prático e imediato, que precisa ser resolvido rapidamente. Mas o *Executive Board* já está tomando providências para resolver esta questão.

Falando em termos mais abrangentes, acredito que a ISBA precisa expandir ainda mais suas ações para diferentes partes do mundo. Por isto, durante minha presidência, dei continuidade a ideia da criação de um Capítulo na região da Ásia. Penso que a ideia do Fabrizio, de fazer workshops convidando renomados pesquisadores para ministrar mini-cursos, é excelente, e deve continuar sendo incentivada. Sem dúvida, isso ajudará a espalhar ainda mais o paradigma bayesiano. Também acho importante discutirmos a educação estatística e, mais especificamente, a educação estatística bayesiana nos diferentes níveis de educação. Em breve, esperamos criar a *Section on Bayesian Education Research and Practice* que terá papel fundamental em difundir ainda mais o pensamento bayesiano nos diferentes níveis da educação.

**BI: Você também foi presidente da ISBrA. Certamente, foi menos trabalho que gerir a ISBA. Dada a sua vivência, o que você acha que devemos aprimorar na ISBrA para nos tornarmos mais fortes e influentes na comunidade internacional?**

**Alex:** Primeiro, quero deixar registrado que nosso Capítulo, sem sombra de dúvida, é um dos mais ativos da ISBA. E isto se deve ao trabalho incansável de todos aqueles que vêm trabalhando para a sua criação e continuidade. Então, primeiro, um muito obrigada a todos vocês que vêm dedicando seu tempo e energia ao ISBRA.

Falando sobre nosso futuro e como podemos crescer, penso que as atividades do Capítulo estão muito concentradas no Sudeste do Brasil. Precisamos expandir para as outras regiões do país. Por exemplo, por que não incentivar a realização de Escolas Bayesianas nas regiões Norte, Nordeste, nos moldes daquelas idealizadas pelo Fabrizio para as regiões do mundo que possuem poucos bayesianos? Pela minha experiência, penso que nós brasileiros somos conservadores com os gastos das sociedades científicas. A ABE, até pouco tempo atrás, foi um exemplo clássico disto. Não sei qual é a reserva da ISBrA hoje, mas acho que deveria haver incentivos para participações de jovens doutores em congressos bayesianos internacionais. E, neste sentido, incentivaria claramente jovens doutores que realizaram seus doutorados no Brasil, para que tenham oportunidade de expandir suas redes de contatos. Para que haja um crescimento e amadurecimento científico da nossa comunidade, penso ser fundamental que o pesquisador seja exposto a ambientes de excelência, e a ISBrA poderia criar esta oportunidade. Isto poderia ser feito, por exemplo, através de competições de artigos ou teses em que o comitê julgador seria formado por alguns pesquisadores internacionais.

**BI: A organização do ISBA 2016 World meeting, que ocorreu na Sardenha de 12 a 17 de junho deste ano ocorreu principalmente no seu mandato como Presidente. Como você avalia o evento? Em especial, o que você achou da participação de brasileiros e Latino Americanos nesta edição do ISBA Meeting?**

**Alex:** Pessoalmente, achei o evento de altíssimo nível científico. E foi o maior *World Meeting* já realizado, com 650 participantes registrados. Posso avaliar isto de forma imparcial porque não fiz parte nem da comissão científica e, nem da organizadora. Mais uma vez, vimos sessões poster bastante concorridas. Sempre me impressionou muito a qualidade dos posters apresentados nos eventos bayesianos, e desta vez não foi diferente. Gostei muito da estréia das “*Named Lectures*”, que têm como principal objetivo voltar um pouco ao clima que tínhamos nos *Valencia Meetings*, palestras longas, com espaço para debatedor e réplica. As “*Named Lectures*” foram idealizadas pela Sonia Petrone, durante sua presidência, e acho que vieram mesmo para ficar. Bom, de fato, a *De Finetti Lecture* já atingiu a doação mínima necessária para que seja estabelecida. E a *Susie Bayarri Lecture* está bem próxima de atingir a doação mínima, que é de US\$30.000,00.

Sobre a participação dos latino-americanos, fiquei muito feliz em ver um número bastante razoável de participantes, especialmente de brasileiros. Precisamos continuar incentivando a participação da nossa comunidade nestes eventos.



Alexandra e alguns brasileiros presentes no ISBA 2016

**BI:** Do ponto de vista pessoal, qual foi a principal contribuição que esta experiência trouxe para você?

**Alex:** Aprendi muito durante este período. O cargo, naturalmente, cria a possibilidade de interagir com diferentes pesquisadores, de diferentes partes do mundo. E isto foi extremamente gratificante para mim. Gosto muito da experiência de conversar com as pessoas, ouvir diferentes experiências, é uma enorme fonte de aprendizado. Também



aprendi mais sobre o gerenciamento de uma grande sociedade e a realização de um grande evento internacional, como é o ISBA World Meeting.

**BI: Você também participou do último EBEB organizado em Belo Horizonte. Você poderia registrar a sua opinião sobre ele?**

**Alex:** Como já te disse pessoalmente, penso que o grupo da UFMG está de parabéns pelo excelente encontro que realizou! Acho que não preciso comentar sobre a excelência dos convidados internacionais, para mim seria “chover no molhado”. O que mais gostei mesmo foi ver algumas das palestras dos recém-doutores brasileiros. Parece que estamos com um grupo jovem bastante interessante, o que é muito importante para a renovação da nossa sociedade. Infelizmente para mim, só pude ficar 2 dias, porque tinha uma reunião na CAPES que não podia me ausentar.

**BI: Você é, atualmente, coordenadora adjunta da área de Matemática, Probabilidade e Estatística na CAPES. Creio que a maioria de nós já tem muito claro o que é valorizado pela CAPES na avaliação de nossos programas. No entanto, muitos dos jovens que lêem este Boletim e estão interessados em ingressar na carreira acadêmica talvez não estejam a par do que é relevante. Se você estivesse começando a sua carreira e, suponhamos tivesse toda a informação que tem em mãos agora, como nortearia a sua carreira? O que você julga ser realmente primordial para ser bem sucedida profissionalmente?**

**Alex:** Ah, ótima pergunta, bastante profunda! Mas na “grande escala” faria tudo muito parecido ao que fiz. Ser bem sucedida(o) profissionalmente é uma questão muito relativa e, especialmente, muito pessoal. Você pode até querer ser o melhor na sua área mas, não deve se iludir, sempre haverá alguém melhor do que você. Assim, essa competição pode ser uma enorme fonte de insatisfação. Para mim, o mais importante de tudo é eu estar feliz com o que realizo. E, sem dúvida, o trabalho ocupa uma parte grande do nosso tempo, então deve ser uma fonte de felicidade, caso contrário, torna-se uma tortura. Acredito muito na frase do Roberto Freire que diz que [“Sem tesão, não há solução”](#). Então, a primeira coisa que me questionaria é se estou realmente feliz e realizada com o que faço.

Mas, tentando responder mais objetivamente a sua pergunta, para fazer pesquisa acho fundamental ser curioso. Infelizmente, vejo muito pouca curiosidade científica nos jovens que me cercam. Acho muito importante ler muito e de tudo! Mesmo sendo pesquisadores em Estatística, precisamos escrever bem se queremos publicar nossos artigos em periódicos de circulação internacional que tenham um mínimo de qualidade. E a leitura nos ajuda a escrever melhor. E, nós brasileiros, ainda temos o desafio de ter que escrever numa língua que não é a nossa. Então, também estudaria muito inglês, para escrever e falar bem, para então poder me comunicar com diferentes pesquisadores internacionais da minha área de interesse.

Independente com quem tivesse realizado o doutorado, no Brasil ou no exterior, procuraria ficar independente do meu orientador de doutorado. Esse foi um ensinamento que o Tony O'Hagan, meu orientador, me deu, e que tento passar para meus alunos. É fundamental tornar-se academicamente independente! Após o término do doutorado, rapidamente me organizaria para realizar um Pós Doutorado com algum pesquisador do exterior, preferencialmente num lugar diferente de onde fiz o doutorado, e de muita efervescência acadêmica, para poder expandir minha rede de contatos, conhecer diferentes pessoas e diferentes culturas. Na minha visão, estas experiências nos enriquecem muito! E procuraria realizar trabalhos que resultassem em artigos que pudessem ser publicados em periódicos de excelência na área de Estatística. Penso que é sim importante procurar publicar nas renomadas revistas internacionais da área. E, claro, faria isso tudo, trabalhando com bastante alegria e seriedade, tendo bastante foco e perseverança.

**BI: Alexandra, já falamos bastante de suas atividades junto à ISBA e a CAPES. Se você não se importar, gostaria de fazer algumas perguntas sobre o início de sua carreira. O que inspirou você a escolher a carreira de Estatística? Alguma pessoa influenciou a sua escolha?**

**Alex:** Tive a sorte de encontrar professores ao longo da minha caminhada que dispuseram do seu tempo para trocar suas experiências comigo. O primeiro foi o André (não me lembro o sobrenome dele), professor de Matemática do Instituto Guanabara, no Rio de Janeiro, onde cursei o 3º ano científico (o Ensino Médio era chamado assim em 1988 :-). Eu gostava muito de computador, aprendi a linguagem *Basic* sozinha, e achava que queria fazer Informática (o que hoje é Ciência da Computação). Mas tinha dúvidas, aí fui conversar com o André que sugeriu que eu lesse mais sobre Ciências Atuariais, uma carreira que estava crescendo muito à época, que envolvia matemática e computação, assuntos que eu gostava igualmente. Depois de refletir bastante e me informar, fiz vestibular para Ciências Atuariais e entrei para a graduação na UFRJ em 1989. Mas, naquela época, fazia-se vestibular para Matemática e, só depois do Ciclo Básico, escolhia-se entre Bacharelado em Matemática, Licenciatura Matemática, Ciências Atuariais e Estatística. Ainda no Ciclo Básico, fiz o curso de Introdução à Estatística com o Professor João Ismael D. Pinheiro, atualmente meu colega de departamento. As aulas dele eram muito motivadoras, eu participava muito e, um dia, ele sabendo que eu queria fazer Ciências Atuariais, conversou comigo sugerindo que fizesse Estatística, que era mais abrangente, mais interdisciplinar. Interessante, que foi nesta conversa com ele que surgiu em mim a vontade de seguir carreira acadêmica, pois descobri que poderia juntar o trabalho em Estatística a outra coisa que adoro fazer, viajar. Aí então segui a graduação em Estatística. Sou muito agradecida a estes dois professores por terem dividido comigo informações que foram fundamentais para as minhas escolhas. Foi um verdadeiro exercício bayesiano de “pegar informação emprestada” :-).

**BI: Você teve a oportunidade de trabalhar com grandes estatísticos. No seu mestrado foi orientada pelo Dani Gamerman e, no doutorado, pelo Anthony O'Hagan. Você poderia falar um pouco da sua experiência em trabalhar com esses grandes pesquisadores em nossa área?**

**Alex:** Sem sombra de dúvida a experiência em trabalhar com eles foi fundamental para minha formação como pesquisadora em Estatística. Sou muito agradecida ao Dani e ao Tony.

Lembro-me que à época do mestrado fiquei super feliz quando Dani topou me orientar, sempre admirei sua visão global sobre a área e sua organização. As aulas dele sempre foram muito organizadas e acho que ele sempre fala de assuntos complicados de forma relativamente simples, o que acho uma arte. O blog dele é um bom exemplo disto.

Mas, claro que, você acaba absorvendo mais da experiência com o seu orientador de doutorado, pois é um processo mais longo. Ainda mais na Inglaterra, onde você começa a conviver com o seu orientador desde o início do seu doutoramento, e é um convívio que dura entre 3 e 4 anos. No meu caso, foram 3 anos e meio.

Sobre o doutorado, resolvi trabalhar com Tony depois de várias interações. A primeira quando ele veio ao EBEB realizado em Ouro Preto, em 1995. Ali conversei bastante com ele e apontei que desejava fazer doutorado na Inglaterra. Ele foi super receptivo, me enviou artigos seus e mantivemos contato ao longo de 1996. Comecei o doutorado com ele em setembro de 1997. E, desde o início, me impressionou muito seu profissionalismo. Sou muito agradecida a ele, pois sempre incentivou muito a minha independência acadêmica. Nossas reuniões eram quinzenais depois do 2o ano de doutorado, e sem falar nada, apenas com ações, rapidamente percebi que essas reuniões tinham um tempo máximo de duração, cerca de 1h. Mesmo que eu ainda tivesse assuntos a serem discutidos, ele me liberava, dizendo que eu deveria pensar sobre aqueles assuntos sozinha e, se precisasse, voltaríamos a eles na reunião seguinte. Ele me ensinou muito sobre como devemos valorizar nosso tempo e como quando nos propomos a fazer algo, devemos fazê-lo de forma focada. Também lembro-me quando o Peter Guttorp escreveu a ele dizendo que ele e o Paul Sampson estavam orientando uma aluna de doutorado, a Doris Damian, que também estava desenvolvendo uma versão bayesiana da abordagem do espaço latente proposta por eles, que acomoda processos espaciais não estacionários. Eles convidaram Tony para passar 1 semana em Seattle para que discutissem as eventuais semelhanças entre os métodos, pois Doris e eu corríamos o risco de não termos uma tese de doutorado. Tony conversou comigo contando a história, disse que não queria ir a Seattle, e que me enviaria para fazer esta discussão. E assim foi, de repente estava eu em Seattle com os autores do método que eu estava trabalhando, discutindo as vantagens e desvantagens da nossa abordagem e as diferenças em relação ao o que eles estavam

propondo junto com a Doris. Na verdade, informalmente, minha defesa de doutorado estava ocorrendo naquele momento, pois estávamos vendo a originalidade e contribuição de cada trabalho. Sou extremamente agradecida ao Tony por essa confiança que depositou em mim e pelo incentivo contínuo à minha independência acadêmica. Admiro muito no Tony o equilíbrio que mantém entre sua vida pessoal e profissional. Ainda hoje, quando preciso de algum conselho, trocar ideias sobre algo que acredito que ele poderá me ajudar, eu o procuro. E as conversas são sempre muito interessantes, com muito ensinamento e muita troca de experiências.



Alexandra, Tony O'Hagan e Ann, Brasil 2010

**BI: Você também trabalhou com o Alan Gelfand que foi autor de um dos artigos que revolucionou a Estatística Bayesiana. Como foi trabalhar com ele?**

**Alex:** Ah, essa ida para trabalhar com Alan foi totalmente acidental na minha vida. Na comemoração dos 70 anos dele em abril de 2015, na Duke University, lembramos que eu fui sua primeira *post-doc*. E isso aconteceu, principalmente, porque eu estava no lugar certo, na hora certa. Em novembro de 2000 aconteceu o último *workshop* do grupo HSSS (*Highly Structured Stochastic Systems*), um grupo de várias universidades européias que organizou eventos interessantíssimos no final dos anos 90 e resultou no livro de mesmo título, editado por Peter J. Green, Nils Lid Hjort, e Sylvia Richardson. O Peter Guttorp iria discutir um artigo neste workshop mas, faltando cerca de 1 mês para o evento, descobriu um problema de saúde e avisou que não poderia ir. Àquela altura,

os organizadores não conseguiram um grande nome para substituí-lo, todos estavam com a agenda cheia. Então, o Arnoldo Frigessi, que estava no comitê científico, e havia visto uma apresentação minha em Pavia no ano anterior, escreveu ao Tony sugerindo que eu fizesse a discussão do artigo. Tony perguntou se eu topava, disse que sabia que estava em cima da hora mas que acreditava que eu tinha condições de fazê-lo e que me ajudaria no que eu precisasse. Eu me senti totalmente honrada por terem sugerido meu nome e, claro, aceitei o convite. Fiz a discussão e Alan estava na platéia. Ao fim da minha apresentação ele veio conversar comigo, dizendo que estava procurando uma pessoa para um *post-doc* e que meu assunto de trabalho estava muito relacionado ao projeto do *post-doc*. Obviamente, fiquei radiante com o convite, afinal, era Alan Gelfand me chamando para trabalhar com ele. Comecei a trabalhar com ele no dia 10 de setembro de 2001. Muitos se lembram onde estavam no dia 11 de setembro de 2001 às 9h da manhã de NYC, pois é, eu estava no supermercado com Alan em Storrs, onde fica a UConn, fazendo minhas primeiras compras, para minha nova casa. Sempre lembramos disto. Trabalhar com Alan foi uma experiência muito intensa! Não sei como ele está hoje no dia a dia, mas há 15 anos atrás ele não parava, todo dia chegava ao departamento com novas idéias e logo íamos para o quadro discuti-las. Admiro muito sua veia interdisciplinar. Em geral, quando ele pensa num problema estatístico ele está com um problema real em mente, e lê muito para entender o problema. E possui uma habilidade rara de interligar bem o problema prático à modelagem estatística necessária. E aí surgem modelos interessantíssimos e a oportunidade de não só responder à pergunta científica mas, também, desenvolver métodos estatísticos interessantes.



Alexandra e Alan Gelfand, USA 2015

**BI: Qual ou quais as principais lições que você tirou para a sua vida do convívio com estes grandes estatísticos?**

**Alex:** Ah, foram várias. Ter feito o doutorado na Inglaterra e *post-doc* nos EUA abriu muitas portas para mim. Tive a oportunidade de conviver com renomados pesquisadores nas duas maiores comunidades de estatística do mundo. Uma das lições que está sempre presente é ser a maior crítica do meu próprio trabalho, procurar medi-lo de forma justa e madura, para submetê-lo para periódicos que estejam relacionados ao que foi feito e não publicar, apenas por publicar. Primar sempre pela qualidade da escrita e da apresentação do meu trabalho. Procurar ser objetiva e clara no que escrevo (desafios que continuo perseguindo).

**BI: Você gostaria de acrescentar algo além do que foi abordado nesta entrevista?**

**Alex:** Mais uma vez quero agradecer esta oportunidade. É uma grande honra para mim ter sido escolhida para ser entrevistada neste boletim.

Quero fazer um agradecimento especial a todas as pessoas que estiveram envolvidas de forma direta, ou indireta, no ISBrA. De várias formas, eu me beneficieei pessoalmente de sua existência. O ponto que o ISBrA atingiu é devido ao trabalho e doação do tempo e da energia de várias pessoas. E uma sociedade não existe sem este trabalho. Por isto, quero incentivar aos mais jovens que se envolvam também na realização destes trabalhos, para que nosso Capítulo continue ativo e crescendo, para que possa continuar colaborando para a formação das gerações futuras.

**BI: Qual é a mensagem que você gostaria de deixar para a nossa comunidade e, principalmente, para os jovens que estão iniciando sua carreira agora.**

**Alex:** Na minha compreensão a comunidade estatística brasileira ainda é relativamente jovem. Muito já foi feito por pesquisadores brasileiros que tiveram papel fundamental na formação de vários de nós. E sou muito agradecida a todos eles pela influência que recebi de forma direta ou indireta. Mas o trabalho deve continuar. Na minha visão, ainda não atingimos o potencial que, acredito, podemos atingir. Ainda estamos num processo de amadurecimento, por isso, penso que é fundamental planejarmos e discutirmos a formação dos doutores que estão sendo graduados pelos diferentes programas no país. Estes serão os futuros pesquisadores em Estatística no Brasil. Nos fóruns que participo vejo discussões muito imediatistas e superficiais, que não discutem mais profundamente o futuro da comunidade no longo prazo. Isto preocupa-me bastante. Volta e meia, quando se discute a Pós Graduação em mesas redondas, recai-se no tema Qualis e na avaliação da CAPES. Gasta-se um enorme tempo discutindo se periódico X,Y e Z devem ser classificados como A ou B. Por que não se discute que devemos ter preocupação em produzir trabalhos de excelente qualidade científica e, portanto, publicar em bons periódicos será consequência natural? Por exemplo, olhando as estatísticas da CAPES sobre onde os docentes de programas de

Pós Graduação em Estatística mais publicam, nota-se claramente um viés para periódicos de qualidade internacional baixa. Diferentemente da área de Probabilidade, vê-se um número pequeno de publicações em periódicos de maior qualidade da área. Isto não é sintomático? O que valorizamos mais como comunidade, qualidade ou quantidade? Olhemos de forma mais crítica e madura sobre o que está sendo produzido aqui vis-à-vis ao cenário internacional. Isto não é importante, ou nos contentamos, como comunidade, produzir Estatística para dentro das nossas fronteiras? Discute-se muito, em diferentes fóruns, a criação separada da área da Estatística nas agências de fomento. Será que, realmente, já temos um número razoável de pesquisadores e, mais ainda, qualidade internacional para isso? Penso que essas são questões fundamentais, mas que não vejo sendo discutidas de forma madura e profunda na comunidade.

**BI: Para finalizar gostaria de agradecer pela entrevista e por toda a contribuição que você tem dado para o crescimento da Estatística Bayesiana. Gostaria também de registrar que tem sido uma grande honra para mim trabalhar ao seu lado na ISBA. Obrigada, felicidades!**

## **V Congresso Bayesiano da América Latina (Cobal V)**

O **V Congresso Bayesiano de América Latina (COBAL)** será realizado de 07 a 10 de junho de 2017, no **Centro de Investigación en Matemáticas (CIMAT)** na cidade de Guanajuato, México.

O COBAL é um evento de caráter internacional e, desde sua primeira edição em 2002, é reconhecido como um *ISBA Regional Meeting*. O COBAL visa promover e divulgar a Estatística Bayesiana em nossa região e criar um ambiente que permita a discussão e a interação entre pesquisadores, professores e estudantes objetivando fortalecer ainda mais o intercâmbio científico entre os Bayesianos Latino-americanos.

Similar as edições anteriores que ocorreram em Ubatuba, Brasil (2002), Los Cabos, México (2005), Pucón, Chile (2011) e Medellín, Colômbia (2015), os idiomas oficiais do COBAL V serão o Espanhol e o Português (Portunhol também é aceito).

A programação do COBAL V será constituída de um programa convidado constituído de mini-cursos e conferências proferidas por pesquisadores renomados e por jovens pesquisadores. Também, terá trabalhos selecionados para apresentações orais e pôster. Os seguinte participantes estão convidados a fazerem parte programação do COBAL V

### **Minicursos:**

1. **Manuel Mendoza** (Introdução à Estatística Bayesiana)

2. **Andrés Christen** (Métodos computacionais e Estatística Bayesiana)
3. **Gabriel Huerta** (Estatística Espacial)

#### **Conferencistas convidados**

Peter Muller (USA)  
Bruno Scarpa (Itália)  
Ramses Mena (México)  
Luiz Henrique Nieto Bajaras (México)  
Luiz Mauricio Casto (Chile)  
Alexandra Schmidt (Brasil)  
Stefano Cabras (Itália)

#### **Conferencistas Jovens convidados**

Carlos Barrera (Colômbia)  
Andrés Felipe Barrientos (Chile -USA)  
Fabián Martínez (México)  
Mario Santana (México-USA)  
Thais Fonseca (Brasil)  
Michelli Anzarut (México)  
Flavio Bampirra Gonçalves (Brasil)  
Cristian Bayes (Peru)  
Mauricio Sandile (Colômbia-USA)  
María Lomeli (México-Inglaterra)

Maiores informações sobre o COBAL V e sobre submissão de trabalhos estarão brevemente, disponíveis no site URL: <http://cobal2017.eventos.cimat.mx/>.



## EVENTOS Futuros

JSM 2016 - Joint Statistical Meetings  
<http://www.amstat.org/meetings/jsm/2016/>  
Chicago – EUA. 30 de Julho a 04 de Agosto de 2016 .

6th Annual JAGS and WinBUGS workshop: Bayesian Modeling for Cognitive Science.  
<http://bayescourse.socsci.uva.nl/>  
Amsterdam, Holanda. 15 a 19 de Agosto de 2016.

Statistical Inference in Copula Models and Markov Process in the 14th International Conference of Numerical Analysis and Applied Mathematics  
<http://icnaam.org/>  
Rhodes – Grécia, 19-25 de Setembro de 2016.

XIV Encontro Mineiro de Estatística.  
<http://www.unifal-mg.edu.br/mgest>  
Varginha, MG, Brasil. 29 a 30 de Setembro de 2016.

The 10th ICSA International Conference (International Chinese Statistical Association)  
<http://www.math.sjtu.edu.cn/conference/2016icsa/>  
Xangai, China. 19 a 22 de Dezembro de 2016.

---

### Diretoria

Presidente: Flávio Bambirra Gonçalves

Tesoureiro: Vinícius Diniz Mayrink

Secretário: Marcos Oliveira Prates

Editor Boletim: Rosangela Helena Loschi

Web: <http://www.ime.usp.br/~isbra/>

---

